

Artigo Original

## Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre as atividades realizadas na natureza

Alcyane Marinho

*Curso de Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil*

**Resumo:** Este artigo, fruto de uma investigação na área de Estudos do Lazer, tem como objetivo refletir sobre a aventura e a ficção, manifestadas nas atividades realizadas na natureza. Os discursos apresentados estão contidos em uma pesquisa mais ampla, de teor qualitativo, cuja abordagem trabalha com um universo de motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos. Foi possível perceber que as atividades de aventura na natureza são portadoras de inúmeros significados. Ao oportunizarem o estabelecimento de novas relações entre os envolvidos, no lazer e em outras esferas da vida humana, criando novos laços de amizade, proporcionando novas sensações e emoções, mostra-se como uma oportunidade fecunda para reflexões sobre a vida social contemporânea.

**Palavras-chave:** Lazer. Aventura. Ficção. Natureza.

*Leisure, adventure and fiction: possibilities to reflect about activities in nature*

**Abstract:** This paper refers to an investigation in the area of leisure studies and reflects about adventure and fiction, revealed in activities in nature. The presented speeches are contained in a qualitative research, whose boarding works with a universe of reasons, aspirations, values, beliefs and attitudes, corresponding to a deeper space of the processes, relations and phenomena. It was possible to perceive that the adventure activities in nature are carrying of innumerable meanings. These activities make possible the establishment of new relations among the participants, at leisure and on other human life spaces, by creating new friendship ways, by delivering new feelings and emotions, by exhibiting a prosperous opportunity to reflect about the contemporary social life.

**Key Words:** Leisure. Adventure. Fiction. Nature.

### Introdução

Inúmeros fatores indicam o crescimento expressivo da visitação em áreas naturais no Brasil e no mundo e, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério do Meio Ambiente, as atividades de aventura na natureza se enquadram entre os segmentos mais promissores do mercado de turismo, com um crescimento mundial estimado entre 10% e 30% ao ano (BRASIL, 2006).

Outras iniciativas também são emblemáticas e contribuem para situar o fenômeno. São elas: crescente produção científica, maior visibilidade e reconhecimento em eventos científicos em várias áreas do conhecimento, nos âmbitos regional, nacional e internacional; oferecimento de disciplinas optativas e obrigatórias, cursos de extensão, graduação e pós-graduação principalmente (mas não só) nas áreas de Educação Física e Turismo, em diversas faculdades e universidades do Brasil; desenvolvimento de inúmeros trabalhos com

diferentes populações: idosos (DIAS; SCHWARTZ, 2004); crianças (INÁCIO et al., 2005); deficientes físicos (CARVALHO, 2005); dependentes de drogas (GIMENO et al., 2003); entre outras.

Diante do crescimento deste segmento e na tentativa de auxiliar no processo de entendimento da aventura vivida nos espaços naturais, este artigo tem como objetivo refletir sobre algumas concepções de aventura e de ficção, manifestadas nas atividades realizadas na natureza, apresentando discussões contidas em uma pesquisa mais ampla (MARINHO, 2006), cuja trilha metodológica está apresentada a seguir.

A ficção está, aqui, sendo abordada no sentido de deslocamento do espaço e do tempo, implicando na perda de algumas determinações essenciais (fixação, regularidade), podendo conduzir os praticantes de atividades de aventura a uma “saída da realidade” para a “entrada” em um “mundo de ficção”. Esta “entrada em um

mundo de ficção” pode permitir a descoberta de espaços e tempos desconhecidos e essenciais, nos quais o “real” (o vivido) pode se tornar ainda mais “real”, pois se enriquece de novas emoções e sensações. Nas atividades realizadas na natureza, o “real” parece ser intensificado e percebido mais profundamente e alguns atributos da ficção são importantes para esta possibilidade.

Nesta perspectiva, a idéia fundadora das reflexões ora apresentadas demonstra que a aventura na natureza, ao oportunizar o estabelecimento de novas relações entre os envolvidos, no lazer e em outras esferas da vida humana, criando novos laços de amizade, proporcionando novas sensações e emoções, mostra-se como uma oportunidade fecunda para que a vida social contemporânea seja pensada.

### **Sobre a pesquisa**

A pesquisa, por meio da qual os dados apresentados neste artigo foram coletados, refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer. As fundamentações conceituais sobre a temática abordada foram buscadas, principalmente, junto à Sociologia, Educação Física e Antropologia, áreas que, conjuntamente, contribuem e sustentam as discussões estabelecidas. No sentido de superar as diversas compartimentações acadêmicas, tais áreas estão sendo visualizadas como parte integrante de um todo, inter-relacionando-se no contexto de suas especificidades e complexidades.

Como pesquisa qualitativa, a abordagem trabalhada vislumbra um universo de motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, como esclarece Minayo (1993).

O estudo foi desenvolvido por meio de duas pesquisas: pesquisa bibliográfica, da qual fizeram parte os levantamentos bibliográficos relacionados às temáticas das atividades de aventura na natureza; visando uma fundamentação filosófica e teórica do problema, e possibilitando um aprofundamento conceitual e terminológico. A outra se referiu a uma pesquisa de campo, baseada em dois instrumentos (entrevista semi-estruturada e observação participante), permitindo a investigação dos motivos que fazem as pessoas se deslocarem para ir ao encontro das atividades de aventura na natureza; bem como, o gosto dessas pessoas, comportamentos, valores, etc.; as formas de

envolvimento dos praticantes com essas atividades e como se dá a interação entre os grupos de praticantes; como se estabelecem as relações das atividades de aventura na natureza com o cotidiano urbano, no trabalho, na família, etc.; ou seja, como tais vivências relacionam-se com o dia-a-dia dos praticantes. Todas estas investigações estavam atreladas ao interesse principal: como os praticantes percebem a aventura e a natureza.

Os sujeitos/atores deste estudo possuíam experiência prévia em atividades em contato com a natureza, tornando-os, em parte, diferenciados dos novos adeptos que emergem a cada dia, os quais, muitas vezes, são impulsionados apenas pelo desejo de distinção ao fazer algo novo, pelo modismo ou simples consumo.

Não houve pretensão em limitar um perfil dos entrevistados, por isso ele se mostra tão diversificado. Contudo, para fins de melhor retorno e aprofundamento nas respostas, a opção foi por pessoas que já haviam tido contato prévio com a natureza em atividades diversas.

As viagens e a escolha pelas pessoas investigadas foram realizadas de maneira aleatória, de acordo com o interesse de ambos: pesquisado e pesquisador.

A interação com cada pessoa investigada ocorreu em múltiplos momentos e de diferentes formas, mostrando uma variedade nas maneiras pessoais de relacionamento com a atividade.

Neste artigo, os sujeitos/atores recebem a denominação de entrevistado 1, 2, 3 e assim por diante, com o intuito de preservar suas identidades.

Como técnica, a observação participante (BRANDÃO, 1988) permitiu situações de relativa proximidade com os indivíduos pesquisados. As observações focaram, privilegiadamente, os comportamentos dos investigados que dessem indícios dos motivos que os conduzem a buscar o contato com a natureza; as atitudes que demonstrassem seus valores e princípios atrelados ao meio ambiente e, também, os comportamentos que evidenciassem formas de envolvimento nas atividades e com as pessoas participantes naquelas situações na natureza.

Por sua vez, com as entrevistas semi-estruturadas (SEVERINO, 1992), foi possível que os entrevistados, seguindo a linha de seus próprios pensamentos e de suas experiências participassem conjuntamente do processo de elaboração da pesquisa.

As observações e entrevistas ocorreram, principalmente, em algumas viagens que realizei com grupos para locais naturais, tais como: Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR); Parque Nacional de Itatiaia (MG; SP); Visconde de Mauá (RJ); Brotas (SP); Analândia (SP), Chapada dos Veadeiros (GO) e Serra da Canastra (MG). Estes locais são reconhecidos por sua beleza e por seus atrativos naturais, sendo bastante visitados ao longo de todo o ano. As viagens a estes locais ocorreram, principalmente, durante finais de semana e feriados prolongados.

As informações obtidas com a observação participante foram confrontadas com os dados coletados por meio da entrevista semi-estruturada.

De acordo com a disponibilidade dos envolvidos, foram agendados horários para a realização das entrevistas e a maior parte delas foi gravada, sendo que algumas foram filmadas para, posteriormente, serem transcritas e analisadas. Delas foram resgatados os dados principais e mais relevantes aos objetivos deste estudo, por meio de análise de conteúdo. As observações também foram registradas por meio da utilização do diário de campo. Instrumento este de suma importância, pois sem ele teria sido impossível o registro daquilo que não se grava.

A partir desta trilha metodológica, a pesquisa pretendeu compreender como os praticantes percebem a aventura e a natureza. Para além disso, conforme códigos e convenções, os quais representam as relações sociais próximas ao grupo e sua racionalidade, o estudo tentou captar os significados implícitos que constituem o fenômeno atual da aventura.

Nesta perspectiva, este artigo privilegia as discussões referentes especialmente à aventura e suas interfaces com a ficção.

### **Aventura como ficção e ficção como recriação da realidade**

A realidade é uma qualidade pertencente a fenômenos que têm sua existência independentemente de nossa vontade, ou seja, não podemos desejar que não existam tais fenômenos; eles simplesmente existem (BERGER; LUCKMANN, 2003). O conhecimento, por sua vez, é entendido como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. O que é “real” para um monge tibetano pode não ser “real” para um

empresário americano; seus conhecimentos específicos são diferentes.

Berger e Luckmann (2003) discutem que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos seres humanos, sendo, subjetivamente, dotada de sentido para os mesmos à medida que forma um mundo coerente. O mundo da vida cotidiana além de ser tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, também é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos seres humanos, sendo afirmado como real por eles.

Em seus escritos, os autores apresentam a realidade da vida diária sendo apreendida como uma realidade ordenada. Seus fenômenos encontram-se dispostos previamente em padrões aparentemente independentes da apreensão que deles é tida e que se impõem esta apreensão. A realidade da vida cotidiana apresenta-se objetivada, ou seja, constituída por uma ordem de objetos designados como objetos antes que qualquer pessoa “entre em cena”. A linguagem utilizada na vida cotidiana fornece continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para determinada pessoa.

Vive-se em um lugar que é geograficamente determinado; em que diversos instrumentos são utilizados, desde abridores de latas até os automóveis esportivos, os quais têm sua designação no vocabulário técnico de certa sociedade; vive-se dentro da teia de relações humanas e suas dinâmicas.

Desta forma, Berger e Luckmann (2003, p. 39) destacam que a linguagem marca as coordenadas da vida na sociedade, dotando esta vida de objetos repletos de significação. Nas palavras dos próprios autores:

a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente. Este “aqui e agora” é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente.

Conforme o pensamento dos autores, quando comparadas à realidade da vida cotidiana, outras realidades aparecem como campos finitos de significação, como tipos de enclaves na realidade

dominante, a qual é marcada por significados e modos de experiência delimitados. Esta realidade dominante envolve as outras realidades por todos os lados. A consciência, por sua vez, sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão. Os autores dão vários exemplos desta situação e, dentre eles, destacam a realidade dos sonhos e a realidade do pensamento teórico.

De acordo com Eco (1994, p. 14), “o sonho é uma segunda vida”, ou seja, quando sonhamos, encontramos-nos em uma outra realidade, diferente da realidade dominante, da qual falam Berger e Luckmann (2003).

Gardner (1997), um outro autor que, assim como Eco, também é estudioso da ficção, afirma que, seja qual for o gênero, a ficção opera no sentido de criar uma ilusão de sonho na mente daquele que lê (ou mesmo assiste a um filme).

Assim como o sonho, o jogo, seja de crianças ou de adultos também nos permite pensar estas idéias, assim como o teatro, o qual, igualmente, fornece uma excelente ilustração desta atividade lúdica. A transição entre as realidades é marcada pelo levantamento e pela descida do pano. Quando o pano é levantado, o espectador é “transportado para um outro mundo”, com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação, ou não, com a ordem da vida cotidiana. Quando o pano é abaixado, o espectador “retorna à realidade”, isto é, à realidade predominante na vida cotidiana, em comparação com a qual a realidade vivida no palco aparece, agora, tênue e efêmera, por mais vívida que tenha sido a representação alguns poucos momentos antes (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 42-43).

O entrevistado 1 dá importantes pistas sobre isso por meio de sua percepção das diferentes formas de manifestação da aventura, vivida no ambiente natural, trazendo elementos interessantes para a discussão.

A aventura da natureza é diferente da aventura do ambiente urbano e, ao mesmo tempo não é. É muito dialético isso! São e não são mundos diferentes. Não são diferentes porque você consegue trazer muito da aventura fora da natureza pra cá, pro cotidiano. Eu não consigo o grau de interação na vida urbana que consigo na natureza. A natureza desencadeia, em mim, formas de pensamento diferentes; ela estimula isso. Talvez porque, na natureza, a gente não é tão protegido. Na natureza você sente os elementos: é o frio ou é o calor, ou é a sede, ou é a fome e ela mexe com você e te deixa mais sensível. Já num nível urbano, você tem tudo o que necessita muito próximo, talvez; impedindo você de se colocar em posição, de extrair coisas

diferentes, de desencadear pensamentos mais profundos ou mesmo reflexões sobre você mesmo, sobre suas sensações.

Corroborando o discurso deste entrevistado, Duarte Jr. (2001) mostra como o mundo contemporâneo desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos, provocando, inclusive, a sua deseducação, regredindo-o a níveis elementares, nas palavras do autor: “toscos e grosseiros”.

Nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosa e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais e, na maioria das vezes, mediadas por equipamentos eletrônicos, nossa alimentação, feita às pressas e de modo automático, entope-nos de alimentos insossos, contaminados e modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam elementos da natureza, espigões de concreto ocultam horizontes, os odores que comumente sentimos provêm de canos de descarga automotivos, chaminés de fábricas e depósitos de lixo e, em meio a isso tudo, trabalhamos de maneira mecânica e desprazerosa até o estresse (DUARTE JR., 2001, p. 15).

O autor afirma, então, que os sentidos estão se tornando cada vez mais deseducados e embrutecidos, em decorrência de um ambiente social degradado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental, fazendo-se necessário que despertemos a sensibilidade em nós, nutrindo, a partir dela e com ela, tudo ao nosso redor.

Retomando a discussão da possibilidade de transição entre diferentes realidades, podemos enfatizar o sonho como tal possibilidade. Sonhando somos transportados para os mais diversos lugares, experimentando os mais variados estilos de vida. Ao acordar de um sonho, quem nunca chegou a pensar como determinada situação, tão inexplicavelmente, pôde ser vivida em um sonho? Quem nunca acordou de um sonho e não teve a vontade de fechar os olhos e desejar que este mesmo sonho voltasse a se repetir? Independentemente da condição socioeconômica, política ou religiosa, o sonho tem a capacidade de potencializar os desejos das pessoas, algumas vezes, fazendo-as reviver situações passadas ou almejando por situações futuras. Há que se lembrar que sonhos podem se tornar pesadelos, mas não é esta a questão. Podemos ter sonhos que nos conduzem a outros lugares.

Berger e Luckmann (2003) também enfatizam que as experiências estéticas e religiosas são

ricas em produzir transições deste tipo, à medida que a arte e a religião são produtoras endêmicas de campos de significação.

Todos os campos finitos de significação caracterizam-se por desviar a atenção da realidade da vida contemporânea. Embora haja, está claro, deslocamentos de atenção dentro da vida cotidiana, o deslocamento para um campo finito de significação é de natureza muito mais radical. No contexto da experiência religiosa isto já foi adequadamente chamado de "transes" (BERGER; LUCKMANN, 2003, p. 43).

Os autores tentam traduzir algumas experiências não-pertencentes à vida cotidiana para a realidade suprema da vida diária, o que, como apontado, pode ser observado em termos de sonhos; sendo também típico das pessoas que procuram relatar os mundos de significação teóricos, estéticos ou religiosos. Por exemplo, o físico teórico crê que seu conceito de espaço não pode ser transmitido por meios lingüísticos, assim como o artista com relação ao significado de suas criações e o místico com relação a seus encontros com divindades. Contudo, todos eles - o sonhador, o físico, o artista e o místico - também vivem na realidade da vida cotidiana, e, de acordo com Berger e Luckmann (2003), a dificuldade encontra-se na interpretação da coexistência destas realidades com os enclaves de realidade em que se aventuram.

Os praticantes podem ter diferentes comportamentos - ainda que se estereotipem por determinados modos de vestir, falar, andar, etc. - não existindo qualquer determinante como devem realmente se portar diante de uma aventura. Isto ocorre porque, na verdade, eles utilizam a aventura como receptora e transmissora de seus próprios desejos e, até mesmo, medos, os quais podem ser exteriores à aventura ou por ela provocados. Quem determina as regras da aventura e suas limitações? Como ela se constrói e se modifica? Aqui, o gosto ou o medo pela altura, pela "adrenalina", assim como o gosto ou o desgosto pela água fria de uma cachoeira são exemplos interessantes e foram apontados, em diversos momentos, pelos participantes desta pesquisa.

Walty (1999), refletindo sobre a relação realidade/ficção, com o intuito de compreender o espaço ocupado pela ficção nas sociedades, assim como suas funções, apresenta três principais significados da palavra ficção.

Começando pela ficção científica, suas narrativas, verbais ou fílmicas, possuem enredos baseados no desenvolvimento científico e nas

situações conseqüentes de tais desenvolvimentos temporal e espacial.

Uma outra idéia de ficção tem relação com a arte, expressa por meio da pintura, do teatro, da literatura ou do cinema. O ato de contar histórias, sejam elas quais forem, sempre fizeram parte da vida humana. Ou seja, sempre convivemos com personagens atuantes em um tempo e em um espaço diferenciados, marcados por uma narração feita por alguém (WALTY, 1999).

Quando lemos um conto, um romance ou assistimos a um filme, deparamo-nos com personagens verossímeis, ou não, de uma estória também plausível, ou absurda, organizados ou caóticos. Esta forma de narrativa é denominada ficção em oposição aos filmes documentários, aos livros autobiográficos, cujos personagens efetivamente viveram. Nestes casos, como aponta Walty (1999), os fatos narrados têm como ser comprovados por meio de manuais de história, jornais ou, até mesmo, testemunhos pessoais. Neles, o tempo e o espaço são mensuráveis e concretos.

Walty (1999) esclarece que a idéia de ficção ligada à arte remete a Platão. A imitação poética está afastada das realidades supremas, das idéias eternas, pois a matéria dos poemas refere-se às aparências de um mundo de aparências. Para Platão, o poeta está afastado da verdade, vivendo no erro e não possui nenhuma utilidade, pois se limita a fazer simulacros com simulacros; ou seja, faz a cópia desvirtuada do real. Nesse sentido, a arte seria um mal (pois escapa ao racional, suprimindo as emoções e enfraquecendo a alma) e o poeta, por sua vez, deveria ser negado, a menos que cantasse os heróis consagrados. Aristóteles traz a poesia (incluindo a lírica, a epopéia, a tragédia e a comédia) para uma posição mais otimista, reconhecendo-a como inerente aos interesses dos seres humanos. Vale lembrar que é de Aristóteles o conceito de arte como *mimese* (imitação da realidade), utilizado até os dias de hoje. Para Aristóteles, *mimese* representava todas as formas artísticas e suas relações com a realidade, isto é, transcendia a mera imitação da vida real, uma vez que emoções específicas são despertadas, diferentes daquelas vividas no cotidiano das pessoas.

É pertinente abordar, nesta discussão, a contribuição de Elias e Dunning (1992), autores que resgataram, em seus estudos, esta categoria *mimese*. Para eles, este termo se relaciona aos sentimentos vividos em momentos de lazer, os

quais estão relacionados a sentimentos desencadeados em situações do dia-a-dia. Há um descontrole controlado e agradável das emoções. Por meio dos acontecimentos miméticos, é possível saciar a necessidade de experimentar o extravasamento de fortes emoções em público, proporcionando uma liberação que não perturba, nem coloca em perigo as ordens da vida social.

Ou seja, algumas atividades de lazer podem estimular emoções, produzindo tensões de um tipo particular, sob a forma de uma excitação controlada, ou seja, uma agradável tensão-excitação, sem riscos, de alguma forma relacionada à excitação provocada em outras situações diárias. Uma excitação mimética pode possuir um efeito de catarse ainda que a ressonância emocional possua elementos de ansiedade, medo e, até mesmo, desespero.

Neste debate em que a ficção é trazida, as atividades de aventura na natureza não enfocam apenas representações de fatos da vida real; porém, como afirmariam Elias e Dunning (1992), relacionam-se com emoções experimentadas em situações reais, transpostas e combinadas com uma espécie de prazer em uma dimensão imaginária.

O lazer mimético cria tensão e sua busca não é explicada como uma simples forma de descarregar as tensões do trabalho (ainda que possam ocorrer, assim como detectado em alguns discursos dos entrevistados). É justamente essa tensão diferenciada que torna certas ações singulares e sedutoras. Esta tensão-excitação apresenta-se como um elemento capaz de elucidar os limites das formações sociais, atualmente construídas, tais como os interessados pelas atividades de aventura na natureza.

Retomando a discussão anteriormente empreendida, Walty (1999) esclarece que a arte e a literatura, entendidas como ficção, remetem-se ao sentido de imitação aristotélica, de criação de uma supra-realidade. Até os dias atuais, podemos nos deparar com pessoas que, como Platão, entendem a arte como inferior a outras manifestações do conhecimento humano; mas, por outro lado, também podemos observar pessoas que, assim como Aristóteles, reconhecem a importância da arte e até sua superioridade em relação à ciência.

A arte, então, seja de que forma for, é ficção e se distingue do real. Ler um poema, assistir a

uma peça teatral ou a um filme expõe os indivíduos, tanto aos perigos quanto aos benefícios da arte. A ficção, por sua vez, representa a criação da imaginação, da fantasia, das coisas sem existência real, apenas imaginária. “Ela se confunde com sonho, com utopia e até com loucura” (WALTY, 1999, p. 15-16).

Complementando estas idéias, Duarte Jr. (2001, p. 18) enfatiza que a arte pode consistir em um precioso instrumento voltado à “educação do sensível”, conduzindo, não apenas a descobertas de formas, até então inusitadas, de sentir e perceber o mundo, mas, igualmente, desenvolvendo e refinando sentimentos e percepções da realidade vivida. Assim, acredito ser possível nos aproximarmos das atividades de aventura na natureza, pois, por meio delas, somos capazes de aguçar nossos sentidos, em diferentes níveis, além de sermos potencializados a refletir sobre nós mesmos e nossas diferentes formas de relação com o outro e com a vida. Mais ainda, a vivência de aventura também pode abrir novas possibilidades de mudança, despertando interesses e talentos, muitas vezes, ocultos.

Uma questão interessante que precisa ser levantada é a origem do termo ficção. Ele procede do latim “fictionem”, cuja raiz é do verbo “fingo/fingere”, ou seja, fingir. Este verbo, inicialmente, significava tocar com a mão, modelar na argila; ligando-se, também, ao verbo fazer, que se liga à palavra poeta, uma vez que, em grego, “poiesis” significa fazer. Então, o poeta é aquele que faz, que cria. Estas idéias evidenciam a relação existente entre a palavra ficção e o ato de criar. Walty (1999) esclarece que as ações de criar, dar vida e fingir apenas parecem opostas, porém, não o são. As origens das palavras mostram que o real e a ficção estão, na verdade, bastante próximos.

Partindo dessas discussões, igualmente, parece haver, na aventura, essa dupla perspectiva: de ficção e de realidade e uma incrível reversibilidade entre elas. O entrevistado 1 evidencia como a experiência na natureza é significativa para ele, permitindo esse transitar por entre a aventura na natureza e o cotidiano.

Pra mim, o contato com a natureza é mágico! Você sai de uma realidade que está preso em um plano, com determinadas características e necessidades, e se coloca em uma posição diferente com a natureza. Tudo o que está na natureza, uma caminhada, uma escalada, todos esses esportes, mexe muito comigo e muda muito a minha percepção, me fazendo refletir

sobre estas duas realidades, ao mesmo tempo distintas e complementares.

A aventura como ficção, parece, então, contribuir para uma recriação da realidade, apontando para o espírito lúdico dos seres humanos e suas respectivas capacidades de jogar, de brincar com riscos (reais ou imaginários) e com uma infinidade de possibilidades. Risco e aventura estão, portanto, intimamente interligados ao lúdico, cujo limite é justamente a segurança e, por isso, permite o transitar entre o real e o imaginário.

O lúdico, o onírico e o imaginário, muitas vezes desprezados, são, na verdade, parâmetros essenciais. Maffesoli (2004a, p. 149) salienta que é “o mito da criança eterna” que contamina, de inúmeras maneiras, as formas de ser e pensar. O culto ao corpo, os cuidados dietéticos, a reificação da natureza e a fusão entre diferentes filosofias e religiões são exemplos que se expressam em diferentes idades e classes sociais.

Como afirma Maffesoli (2004a, p. 152), não se trata mais de uma “liberdade, unívoca e abstrata, que é buscada, mas a prática das liberdades intersticiais. Portanto, a experimentação do lúdico e seus derivados requerem a expressão desta liberdade. Somos seduzidos a pensá-la e, quando algo de importante acontece, deveríamos exercitar e cultivar, por meio dela, a “arte da demora”. Eco (1994, p. 56) mostra como isso é possível na ficção:

[...] vamos a um bosque para passear. Se não somos obrigados a sair correndo para fugir do lobo ou do ogro, é uma delícia nos demormos ali, contemplando os raios do sol que brincam por entre as árvores e salpicam as clareiras, examinando o musgo, os cogumelos, as plantas rasteiras. Demorar-se não quer dizer perder tempo: com frequência, a gente pára a fim de refletir antes de tomar uma decisão.

Ao longo de seus escritos, este autor mostra como a narrativa, de maneira geral, permite passear sem ir a nenhum lugar específico e, às vezes, é até divertido se perder por puro prazer. O escritor pode se utilizar de técnicas para demorar ou diminuir a velocidade da leitura permitindo ao leitor dar alguns passeios, servindo para estimulá-los.

Potencializando questões mais imaginárias que reais, a entrevistada 2 permite se perder ao longo de seus passeios à natureza, dando

importantes indícios disso em sua participação neste estudo.

Quando eu viajo pra natureza, eu procuro me perder, porque eu acho que é se perdendo que você conhece os lugares, as pessoas, que você se encontra. A gente se perde e depois a gente se acha. E, quando a gente se acha, a gente se acha não só geograficamente, mas psicologicamente também e nos dá uma sensação de que podemos nos encontrar das duas formas.

A aventura vivida, experimentada ou imaginada, parece, então, relacionar-se a uma idéia de ficção, ou de construção de uma realidade, na qual os elementos envolvidos e os fatos são, muitas vezes, mais imaginários que, efetivamente, reais.

Nesta perspectiva, deve-se atentar que, em algumas atividades de aventura na natureza, podemos perceber a pressa impedir a contemplação, a reflexão, a imaginação. Situação esta devido, principalmente, ao fato de as pessoas, mesmo involuntariamente, acabarem reproduzindo, em seus momentos de lazer, as mesmas dinâmicas racionalistas e produtivistas vividas no trabalho, deixando transparecer a necessidade imediata de conhecer, em curtos períodos de tempo, o maior número possível de cachoeiras, trilhas, lugares, como se a experiência pudesse ser medida pelo fator quantidade.

Infelizmente, os seres humanos passaram a ser produtivos e exigentes, inclusive, nos momentos ditos de lazer. Este, por sua vez, corre o risco de não fluir mais tão naturalmente, pois, como mercadoria, acaba sendo medido, avaliado e meticulosamente organizado. Algumas vezes, podemos até nos surpreender querendo pular algumas etapas para nos tornarmos “aventureiros”, com o intuito de apressar as situações, os aprendizados, mas, simultaneamente a isso, perdemos oportunidades singulares de conhecer um pouco mais sobre a natureza, sobre quem está ao nosso lado, sobre a vida.

Podemos ficar envolvidos com os aspectos práticos e imaginários ao mesmo tempo em que nossas ações se subordinam às percepções e aos riscos, reais ou fictícios. Nas atividades de aventura na natureza, o corpo se transforma em um campo de recepção e emissão contínua de informações, as quais, por sua vez, devem ser precisas e as tomadas de decisões, quase sempre, imediatas. Ficamos presos nessa trama, entrelaçados aos seus efeitos e resultados.

Portanto, na aventura, podemos observar e vivenciar manifestações de situações ambíguas: ora calma, contemplativa, reflexiva; ora compulsiva, rápida, automática.

Uma questão importante, nesta direção, é como se dá a nossa percepção nas atividades realizadas em ambientes naturais. As pessoas conhecem muito pouco sobre o funcionamento da natureza (da qual fazemos parte) e seus elementos e, muitas vezes, um simples redirecionamento do olhar e da percepção corporal pode ser bastante significativo para que a natureza seja percebida de forma diferenciada.

A entrevistada 2, em seus trabalhos, desenvolveu uma metodologia que teve como objetivo mostrar a potencialidade do corpo no envolvimento das pessoas com as questões da natureza, facilitando a compreensão; uma vez que, segundo ela, tudo o que acontece no corpo acontece na natureza. De acordo com esta entrevistada:

o corpo é um micro-cosmo; a natureza é um macro-cosmo. Então, fica fácil entender a natureza quando você entende seu corpo. Essa linguagem é legal porque funciona com crianças, com adolescentes, com professores, com administradores de empresas, com todos, porque o corpo fala; ele tem uma linguagem universal.

A citada “arte da demora” na ficção compreende descrições de objetos, personagens ou paisagens; assim como no processo de reconhecimento de pertencimento da natureza. O simples ir à mata, cachoeira ou montanha não implica em simpatia ou gosto pelos mesmos. Há a necessidade de um processo de aproximação e adaptação (ou não).

Nesta perspectiva, Eco (1994, p. 75) destaca que a longa demora narrativa quer dizer que tempo, lembrança e sonho podem se fundir e cabe ao leitor deixar-se prender pelo torvelinho dos conflitos não resolvidos.

Eis aí um caso em que a demora visa não tanto diminuir o ritmo da ação, impelir o leitor a empolgantes passeios inferenciais, quanto indicar que devemos nos preparar para entrar num mundo em que a medida normal do tempo nada conta, um mundo em que os relógios estão quebrados ou liquefeitos como num quadro de Dali.

Assim como na ficção, esta outra dimensão do tempo e da reflexão leva-nos a admitir que, para nos impressionar, perturbarmo-nos, assustarmos ou nos comover, devemos contar com nosso conhecimento do mundo real, este do dia-a-dia.

Eco (1994, p. 89) elucida isto com outras palavras:

[...] precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra. E, com efeito, aqui há uma enorme variedade - formas como a fábula, por exemplo, a todo instante nos levam a aceitar correções em nosso conhecimento do mundo real. No entanto, devemos entender que tudo aquilo que o texto não diferencia explicitamente do que existe no mundo real corresponde às leis e condições do mundo real.

Portanto, os leitores precisam saber uma variedade de coisas a respeito do mundo real para presumi-lo como o pano de fundo do mundo ficcional. Entretanto, surgem algumas dificuldades: por um lado, na medida em que um universo ficcional conta a história de algumas poucas personagens em tempo e local bem definidos, podemos vê-lo como um pequeno mundo infinitamente mais limitado que o mundo real. Por outro lado, na medida em que são acrescentados indivíduos, atributos e acontecimentos ao conjunto do universo real, é possível considerá-lo maior que o mundo de nossa experiência. A partir disso, um universo ficcional não termina com a história, mas se estende indefinidamente.

Na verdade, como afirma Eco (1994, p. 91), os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. São “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real, permitindo que nos concentremos em um mundo finito, fechado, bastante semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre. “Como não podemos ultrapassar suas fronteiras, somos levados a explorá-lo em profundidade”.

Até que ponto a aventura também pode nos conduzir a um outro tipo de mundo? Quando e como as atividades de aventura na natureza poderiam se tornar parasitas do mundo real?

Contando sobre algumas de suas experiências como guia, o entrevistado 3 destaca a diversidade dos praticantes, seus interesses e desejos; porém, mais que isso, o interdito da fala deste participante dá indícios de que as pessoas que buscam pelo contato com a natureza percebem, de certa forma, o ambiente natural como um mundo à parte, diferenciado, em que elas devem obter o maior número de informações possível para serem bem sucedidas e atingirem suas metas.



Muitas das pessoas que chegam aqui, mesmo que elas já tenham uma certa idéia de que a região é selvagem, que as trilhas não são muito bem marcadas, elas chegam com o espírito: “o que eu vou poder encontrar?”, “como vai ser?”, como se fosse um outro mundo, diferente deste. As principais perguntas que elas fazem são: “qual é a distância? Quanto tempo leva? Vamos caminhar muito? O que nós vamos ver? O que eu devo levar?”. Na verdade, a gente pega todo tipo de turista.

Assim como na ficção, não se consegue, nas atividades de aventura na natureza, ultrapassar suas fronteiras (no sentido de viver cotidianamente tais experiências); contudo, nos momentos da aventura propriamente dita, os praticantes procuram viver intensamente, explorando tais vivências em profundidade. As ressonâncias destas experiências é que são traduzidas e trazidas para o cotidiano de diferentes formas.

Ler uma narrativa ou assistir a um filme significa jogar um jogo por meio do qual damos sentido a uma infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou podem vir a acontecer no mundo real. O entretenimento com a narrativa, ou com o filme, permite a fuga da ansiedade que assalta as pessoas quando as mesmas tentam dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Para Eco (1994), essa é a função consoladora da narrativa; a razão pela qual as pessoas contam histórias e as têm contado há tanto tempo.

A maneira como aceitamos a representação do mundo real difere pouco do modo como aceitamos a representação do mundo da ficção, assim como do mundo da aventura. Transitamos por entre eles naturalmente.

Neste processo, a imagem assume uma significativa importância diante da constituição dos sujeitos e suas relações. Assim, nada estará imune a ela, seja em termos televisivos, publicitários, virtuais, religiosos, políticos, intelectuais, “tudo e todos devem dar-se a ver, colocar-se como espetáculo” (MAFFESOLI, 2004b, p. 30).

São emblemáticos aqueles que foram aventureiros sem nunca ter sido, ou seja, pessoas que se interessam, de alguma forma, pelas atividades de aventura na natureza (ou melhor, pela imagem que elas carregam) e adquirem roupas e calçados próprios para caminhada, para escalada e outras modalidades; adquirem objetos diversos que as possam tornar aventureiras, mesmo sem nunca terem praticado

alguma das atividades. Nesta direção, o depoimento do entrevistado 3 é significativo.

Na verdade, a gente encontra todo tipo de turista, desde aquele que vem super equipado e preparado, com roupa apropriada, mesmo que nem saiba pra que serve um cordão, por exemplo; até aquele que vem com sandalhinha, sem protetor, sem boné [...]. É incrível! O ser humano é mesmo muito diferente!

As imagens geram um mercado consumidor, com base no fascínio das pessoas por atividades carregando mensagens de aventura e de fortes emoções. Harvey (1992) destaca que a produção de imagens apresenta-se como um dos aspectos impulsionadores da sociedade de consumo, na qual a imagem obtida, por meio da compra de um sistema de signos, como roupas de grife e carros da moda, passa a se constituir em um elemento importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho, fazendo parte da procura por uma identidade individual e por um significado da vida.

Remetendo-se à sociedade do espetáculo que vivemos, a qual glorifica as imagens de diversas formas, Duarte Jr. (2001, p. 96) destaca que,

é preciso notar-se o quanto essa avassaladora estimulação visual presente em nosso cotidiano não desenvolve verdadeiramente o olhar das pessoas, mas simplesmente o dirige e o condiciona para uma restrita percepção do mundo em que vivem. Uma percepção que, assim dirigida, desloca-se das coisas para a sua representação, isto é, o universo das imagens representativas passa a prender muito mais a nossa atenção do que a realidade em que nos movemos.

O autor aponta que o excesso de sentidos tende a anestesiar o corpo por esta estimulação desenfreada a que é submetido diariamente nas cidades. Neste sentido, duas formas distintas de se perceber as coisas, por intermédio do olhar, podem ser notadas. A percepção prática, a qual busca a utilidade dos objetos, e a percepção estética, que se funda com os prazeres sensíveis e emocionais que os objetos são capazes de despertar.

Com isso, podemos acreditar que a cultura contemporânea é lúdica e apresenta-se, ao mesmo tempo, potencialmente tecnológica e, de alguma forma, espetacular.

Como parte deste fenômeno, Maffesoli (2004b) remete-se ao (re)nascimento de um mundo imaginal; isto é, um modo de ser e pensar perpassado pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico e pelo imaterial.

Aqui, a aventura como ficção parece ser um bom exemplo disso, expressando-se ludicamente e mostrando, a seu modo, a complexidade e a

dinâmica da vida contemporânea. Podemos, assim, entender o real a partir do imaginário. Os entrevistados deste estudo apontaram exemplos que permitem estas afirmações, por exemplo, quando relacionaram as aventuras vividas na natureza facilitando, de diversas formas, a vida urbana, seja profissional, emocional, pessoal ou coletivamente; ou, ainda, quando conseguiram visualizar alguma questão de ordem prática sendo melhor desenvolvida, por intermédio de reflexões sobre a natureza.

Como destacam Berger e Luckmann (2003), corroborados pelos estudos de Maffesoli (2004b), a construção social da realidade é fundamentalmente simbólica. O mundo em que estamos se constitui em um conjunto de referências que compartilhamos com os outros, expressas por odores, ruídos, texturas, cores, imagens, etc. Referências estas que reforçam as inter-relações compostas por atrações e repulsas, alívios e tensões, ou seja, um certo tipo de interação simbólica ou, neste caso, interação ficcional, uma vez que seus conceitos se assemelham.

Nas atividades de aventura na natureza, o envolvimento com os parceiros, o deslizamento pela água, o cheiro da mata, os ruídos das cachoeiras e dos animais, as cores do céu e das flores segregam um espírito lúdico, evocando a sensibilidade. A maximização dos sentidos e a pluralidade de sensações e emoções advindas de tais aventuras produzem, de certa forma, aquilo que Maffesoli (2004b, p.70) denomina “vibração estética coletiva” e pôde ser detectado nos discursos de alguns dos entrevistados, ao mencionarem algumas de suas experiências na natureza.

Neste contexto, é possível destacar algumas situações em que somos capazes de trazer elementos vividos no ambiente natural para nossa vida cotidiana. Por exemplo, a propaganda, na maioria das vezes, é a maior responsável em nos fazer crer que, ao sermos heróis nos finais de semana (seja saltando de pára-quadras, fazendo rapel ou escalando), ultrapassando limites de ordens pessoal e física, conseguiremos ser heróis também no nosso dia-a-dia, trabalhando mais e melhor, sendo melhor pai ou mãe de família, com mais confiança e mais felizes. Sem dúvida alguma, estar na natureza é sensibilizador e potencialmente transformador, fazendo com que consigamos repensar valores e idéias pré-determinadas, conduzindo, muitas vezes, a

mudanças positivas de comportamentos e atitudes. Porém, esta transposição não pode ser visualizada tão mecanicamente, assim como a mídia tende a veicular. Este aspecto, assim funcionalista, seria demasiado simplista.

O discurso das propagandas tem o poder do convencimento a partir da utilização da figura do “herói de final de semana” como um emblema da ascensão individual. Contudo, também não se deve pensar que apenas a propaganda (veiculada por diversos tipos de mídia) opera tais condicionamentos; não se trata de condenar o papel exercido por ela. Na verdade, ao entendermos os telespectadores como sujeitos ativos e questionadores da realidade, creio que o maior problema esteja no fato de como pode ser conduzida a idéia de aventura na natureza trazida para o contexto urbano.

Portanto, não se pode negligenciar que as atividades de aventura na natureza são capazes de criar metáforas que se aplicam ao cotidiano das pessoas e, por meio delas, pode-se estimular a criatividade, o auto-conhecimento, a responsabilidade, a liderança, a solidariedade, a comunicação e o trabalho em equipe; além de serem capazes de desenvolver e instigar diferentes habilidades e competências, muitas vezes, desconhecidas.

Contudo, mesmo concordando com isso, surge um questionamento: a aventura, ao se aproximar do conceito de ficção, sendo “transposta” para o dia-a-dia, não estaria sendo incorporada como forma de alienação, parasitando a vida real e, de alguma maneira, reproduzindo a racionalidade da lógica dominante?

A crítica de Walty (1999, p. 42), nesta perspectiva, é interessante. A autora alerta que as sociedades atuais não conseguem vislumbrar as inter-relações entre os sujeitos tendo como princípios a liberdade e o prazer, contrariamente a isso, utilizam-se da necessidade de prazer e fantasia das pessoas para se impor em termos repressivos, impondo verdades engessadas. A autora alega, inclusive, que a ficção, de certa forma, acaba sendo conservadora e reduplicadora de valores. No caso da ficção científica, por exemplo, a noção de progresso veiculada tende a mostrar a supremacia da técnica, a robotização do homem e a supremacia da ciência. “Os verdadeiros conflitos sociais são mascarados, a luta de classes é dissimulada,

permanecem o colonialismo, o etnocentrismo, a luta pelo poder e assim por diante”.

Então, a aventura, ao se aproximar do conceito de ficção e ao ser “transposta” para o cotidiano das pessoas, não é incorporada como forma de alienação, ainda que possa parasitar, de alguma forma, a vida real, pois representa, de fato, uma nova sabedoria, detectada nos discursos dos entrevistados. Utilizando a expressão de Maffesoli (2004a, p.39): a “sabedoria cotidiana da necessidade”.

### Considerações Finais

Não decidimos entrar, ou não, em um mundo ficcional. Ou seja, sem perceber, de repente, vemo-nos dentro dele. Eco (1994, p. 131) lembra que, ao darmos conta disso, concluímos que o que está ocorrendo é um sonho.

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. Tal situação dá origem a alguns fenômenos bastante conhecidos. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade - em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais.

Porém, se a atividade narrativa está tão intimamente ligada a nossa vida cotidiana será que, muitas vezes, não interpretamos a vida como ficção e, ao interpretar a realidade, não lhe acrescentamos elementos ficcionais? Até que ponto a ficção e a realidade não são meras coincidências? Seja como for,

não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência. Afinal, ao longo de nossa vida buscamos uma história de nossas origens que nos diga por que nascemos e por que vivemos (ECO, 1994, p. 145).

Na ficção, Gardner (1997) destaca que o sonho nos empolga a alma e o coração. Não só reagimos a coisas imaginárias - suspiros, ruídos, cheiros - como se eles fossem reais, mas também a problemas ilusórios como se existissem realmente: simpatizamos, pensamos, julgamos. Indiretamente fazemos nossas as provações dos personagens e aprendemos com os fracassos e sucessos de diversos tipos de ação, atitudes, opiniões e crenças, da mesma forma como ocorre na vida real.

A ficção, portanto, mostra-se como uma categoria fértil para a análise das atividades realizadas na natureza no sentido em que oportuniza aproximações da aventura

experimentada em um mundo supostamente imaginário e a realidade de fato.

Desta forma, começamos a desconfiar que o valor da aventura, a qual pode se tornar ficção, não se encontra apenas em nos divertir, desviar nossa atenção das preocupações cotidianas ou apenas em aumentar nosso conhecimento de pessoas, lugares e culturas. A aventura imaginária, vivida como ficção, também nos ajuda, de alguma forma, a saber em que coisas acreditamos, reforçando as qualidades que, por acaso, tenhamos e, também, nossos defeitos e limitações.

Neste sentido, a aventura pode projetar modelos ficcionais na realidade, a partir das práticas no ambiente natural. Ilustrativos de tais modelos, alguns exemplos foram apresentados pelas pessoas investigadas neste estudo, tais como: a hipertrofia dos sentidos; a forma diferenciada de percepção corporal; e o aguçamento da criatividade e do poder de reflexão.

A ficção permite lançar a ponte entre o ordinário e o extraordinário da vida, usando a pluralidade dos sujeitos, por intermédio da fantasia, da imaginação, do imaterial e do lúdico. Ratificando, com isso, que as atividades de aventura são alternativas fecundas para a compreensão das redes que se formam, na atualidade, entre as pessoas e a natureza, delineando um modo singular de produção de subjetividade e de construção do imaginário coletivo.

### Referências

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Diagnóstico da visitação em parques nacionais e estaduais**. Disponível em: [http://www.mma.gov.br/estruturas/sbs\\_dap/ arquivos/diagnostico\\_da\\_visitacao\\_em\\_parques.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/sbs_dap/ arquivos/diagnostico_da_visitacao_em_parques.pdf) Acesso em: 26 jan. 2006.

CARVALHO, A. **Esportes na natureza: estratégias de ensino do canionismo para pessoas com deficiência visual**. 2005. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005. Disponível em:

<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000425697> Acesso em: 31 jan. 2008.

DIAS, V. K.; SCHWARTZ, G. M. Inclusão de idosos em atividades de aventura. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 16., 2004, Salvador. **Anais...**

DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ELIAS, N.; DUNNIG, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GARDNER, J. **A arte da ficção**: orientações para futuros escritores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

GIMENO, J. M. R.; FRA, E. P.; MONTESINOS, J. L. G.; MILLÁN, I. G. La prevención de drogodependencias mediante actividades cooperativas de riesgo y aventura. **Apuntes: Educación Física y Deportes**, Barcelona, n. 59, p. 46-54, 2003.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

INÁCIO, H. L. D.; SILVA, A. P. S.; PERETTI, E.; LIESENFELD, P. A. Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.) **Práticas corporais**: trilhando e compar(trilhando) as ações em educação física. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005. v. 2, p. 81-105.

MAFFESOLI, M. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

MAFFESOLI, M. **Notas sobre a pós-modernidade**: o lugar faz o elo. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004b.

MARINHO, A. **As diferentes interfaces da aventura na natureza**: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea. 2006. 154 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000401430> Acesso em: 31 jan. 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SEVERINO, A. J. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1992.

WALTY, I. L. C. **O que é ficção**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

#### Artigo parte de tese de doutorado:

MARINHO, Alciane. *As diferentes interfaces da aventura na natureza*: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea. 2006. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2006.

#### Endereço:

Alciane Marinho  
Rua João Pio Duarte Silva, 114, Apto 406 b  
Edifício Villa Vitória - Bairro Córrego Grande  
Florianópolis SC Brasil  
88.037-000  
Telefone: (48) 32268380  
e-mail: [alciane.marinho@hotmail.com](mailto:alciane.marinho@hotmail.com)

*Recebido em: 5 de novembro de 2008.  
Aceito em: 29 de janeiro de 2009.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)